

CONFLUÊNCIAS ENTRE A VIDA E A FORMAÇÃO DOCENTE NO AMAZONAS: O ATELIÊ ARTESANAL COMO COMPARTILHAMENTO DE SABERES ANCESTRAIS

CONFLUENCES BETWEEN LIFE AND TEACHER TRAINING IN AMAZONAS:
THE ARTISAN WORKSHOP AS SHARING OF ANCENTRAL KNOWLEDGE

João Luiz da Costa Barros¹, Bruna Cristina Soares Pinheiro², Victor José Machado de Oliveira³

Recebido: 14 de Novembro 2025 / Revisado: 19 de Fevereiro 2026 / Aceito: 24 de Fevereiro 2026.

RESUMO: Este artigo apresenta uma narrativa (auto)biográfica que reflete profundamente sobre a formação docente na região amazônica, entrelaçando experiências pessoais, culturais e pedagógicas em um contexto social complexo. Por meio da criação de um ateliê artesanal voltado para a confecção de materiais didáticos destinados à Educação Física, os professores participaram de um processo coletivo que resgatou memórias, saberes ancestrais e práticas manuais tradicionais da região. Esse processo evidenciou diferenças geracionais nas habilidades de tessitura, valorizando a troca intergeracional de conhecimentos e promovendo o fortalecimento dos laços comunitários. A pesquisa se fundamenta na teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu, destacando a importância da relação entre os contextos socioculturais locais e a construção da identidade docente. Enfatiza-se, assim, a integração dos saberes regionais na prática pedagógica, contribuindo para uma formação mais contextualizada, significativa e alinhada com a realidade amazônica. A (auto)biografia funciona como instrumento epistemológico, abrindo espaço para uma reflexão crítica e emancipatória sobre o papel do educador na Amazônia. O estudo valoriza a diversidade cultural como elemento central na construção da identidade profissional, reforçando a importância das narrativas de vida para articular experiência pessoal, saberes locais e prática educacional. Dessa forma, oferece subsídios importantes para a elaboração de políticas formativas que contemplem a pluralidade sociocultural da região amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente, (auto)biografia, Educação Física; Cultura.

ABSTRACT: This article presents a (self)biographical narrative that deeply reflects on teacher training in the Amazon region, intertwining personal, cultural, and pedagogical experiences within a complex social context. Through the creation of a handcrafted workshop focused on producing teaching materials for Physical Education, teachers participated in a collective process that recovered memories, ancestral knowledge, and traditional manual practices of the region. This process highlighted generational differences in weaving skills, valuing intergenerational knowledge exchange and promoting the strengthening of community bonds. The research is based on Pierre Bourdieu's theory of *habitus*, emphasizing the importance of the relationship between local sociocultural contexts and the construction of teacher identity. It highlights the integration of regional knowledge into pedagogical practice, contributing to a more contextualized, meaningful formation aligned with the Amazonian reality. The (self)biography functions as an epistemological tool, opening space for critical and emancipatory reflection on the role of educators in the Amazon. The study values cultural diversity as a central element in building professional identity, reinforcing the importance of life narratives to articulate personal experience, local knowledge, and educational practice. In this way, it provides important support for developing training policies that consider the sociocultural plurality of the Amazon region.

KEYWORDS: Teacher training, (auto)biography, Physical Education; Culture.

¹Pós-Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE - Professor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação - PPGE. Am, Brasil.

²Mestranda da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação - PPGE. Am, Brasil.

³Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Estágio de Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. Professor da Faculdade de Educação e Dança da Universidade Federal de Goiás.

1 NASCENTE DO RIO

“Bença vó, bença mãe, bença pai!” O meu dia começava assim na pacata Boa Vista do Ramos, um município banhado pelo rio Paraná do Ramos na região do baixo Amazonas – situado a 2.587 km² da capital Manaus. Tomava um café preto com bejú de tapioca e seguia para a escola e, ao retornar, ainda cunhatã termo regional que significa menina/mulher praticava a tessitura para fabricar meus brinquedos. Aprendi com a minha vó a fazer bola de palha, bonecos de barro e sementes de açaí e tucumã. Na confecção do artesanato, aprendi a cuidar da natureza e valorizar a floresta. Foi no terreiro cheio de árvores que aprendi a compartilhar aprendizagens com os mais velhos e as crianças e, nesse movimento de vida, aprendíamos juntos.

É neste movimento da vida, que me formo Professora de Educação Física na rede pública de ensino no estado do Amazonas. Nas minhas experiências, percorro por uma problemática frequente, que é a falta de material pedagógico para as aulas de Educação Física escolar. Mas, com meu conhecimento no artesanato regional, proponho a criação de implementos utilizando insumos amazônicos com objetivo de amenizar esta problemática, refletindo por meio da narrativa (auto) biografia a construção da identidade docente.

Estudos têm enfatizado a importância de compreender as narrativas de vida de docentes para revelar como suas experiências pessoais e profissionais dialogam com a cultura local, o meio ambiente e os saberes ancestrais (Cavalcante Filho, 2021; Carvalho Martins *et al.*, 2023). Alguns fatores, no contexto da região amazônica devem ser considerados, tais como as dimensões culturais, ambientais e sociais únicas e relacionadas à diversidade étnica e cultural como: a presença de povos indígenas, comunidades ribeirinhas e migrantes de diferentes regiões do Brasil, os desafios de infraestrutura, como acesso limitado a recursos tecnológicos e materiais didáticos em áreas remotas e a relação com o meio ambiente, os modos de vida fortemente conectados aos ciclos naturais e a utilização recursos naturais (Pereira, 2024). Esses fatores demandam que a formação de professores incorpore reflexões sobre interculturalidade, territorialidade e educação ambiental, posicionando a narrativa de vida como instrumento para ressaltar saberes locais e trajetórias regionais.

Esse emaranhado reflete na formação docente como processo complexo que envolve a construção de sentido sobre o "ser professor" a partir dos contextos de vida e docência, que perpassa pela trilha da escolha profissional, acadêmica e da práxis pedagógica. Nesse sentido, quando refletimos a formação docente no contexto da região do estado do Amazonas devemos considerar os aspectos multiculturais que impactam diretamente nesta formação, caracterizado

pela diversidade cultural, desafios socioeconômicos e políticos no qual essa formação torna-se particularmente singular.

Apresento assim (auto)biografia da minha formação docente por meio de um recorte de uma prática pedagógica em uma escola na cidade de Manaus-Am, relacionando a vida e a práxis pedagógica. Para Souza e Meireles (2018, p. 286), atualmente, a ampla utilização da pesquisa (auto)biográfica, em diferentes áreas das ciências humanas e da formação:

[...] ancora-se em princípios epistemológicos metodológicos da abordagem qualitativa de pesquisa, implicando em outra lógica para se pensar a formação, mediante a possibilidade de colocar-se em um processo de escuta e de partilha de conhecimentos e histórias sobre o vivido que revela saberes tácitos ou experienciais, mediante dispositivos de metacognição ou metarreflexão de conhecimentos construídos sobre si e sobre a própria vida-formação-profissão.

Seguindo tais preceitos, esta narrativa constitui-se como eixo central para a formação e abre portas para a reflexão de professores no contexto amazônico, pois possibilita que futuros educadores integrem suas trajetórias pessoais, culturais e regionais ao processo pedagógico da formação (Silva, 2022). A (auto)biografia vai além de contar algo sobre a vida de si mesmo, ela invade as estruturas sociais, políticas e culturais. Portanto, ela:

[...] constitui um instrumento sociológico capaz de garantir essa mediação do ato à estrutura, ou seja, de uma história individual a uma história social. Esses argumentos sustentam-se no entendimento de que a (auto)biografia implica a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, cuja ação incide diretamente no social (Silva; Mendes, 2009, p. 5).

Este texto assume como atitude política o caráter “[...] autobiográfico/memorialístico/cotidianista que tomo como desafio e tarefa ao desenhar essa narrativa implicada com uma vida feita de gente, tempos e lugares recruzados” (Rodrigues, 2017, p. 154). Nele, é apresentada a história de vida de uma professora (primeira autora), em consonância com a narrativa (auto)biográfica, a experiência de vida e docência, reconhecendo a vivência como um saber legítimo, procurando praticar uma escrita de si, integrando a narrativa e memória como componentes essenciais da prática de registrar a própria vida.

Logo, o estudo tem como objetivo: refletir a partir da história de vida a contribuição na formação docente no Amazonas, favorecendo a autoconsciência sobre valores culturais, crenças e posicionamentos frente à educação, por meio dos objetivos específicos de reconhecer e sistematizar as vivências docentes em formação à diversidade sociocultural da Amazônia,

compreender a importância das experiências de vida na formação de professores e promover um diálogo emancipado da sua própria ação docente.

Neste viés, pretendemos estimular a reflexão crítica acerca das influências sociais e históricas que permeiam a atuação pedagógica, contribuindo para a construção de uma identidade docente autêntica e ancorada em trajetórias reais.

2 NAVEGANDO PELOS RIOS AMAZÔNICOS

Ao trilhar os caminhos da memória, regresso ao município de Boa Vista do Ramos no Estado do Amazonas, nos anos 90, onde as ruas eram de terra batida e as casas de palha e madeira. Também, não havia tecnologias digitais. Tão pouco violência, pois andávamos com nossos pais e avós, brincando pelos terreiros das casas que se encontravam em um só ambiente. Não havia muros que separavam a vida privada e coletiva. Nós vivíamos em comunidade, compartilhávamos a vida, o alimento e água. Minha memória destaca que éramos felizes em nossa comunidade, com rios fartos de peixe. Não fazíamos questão de comer carne de boi, a não ser que fosse aniversário dos anciãos, aí sim tínhamos motivos para festejar com toda a comunidade e compartilhar o alimento.

Os saberes ancestrais, transmitidos oralmente pelas comunidades, são reconhecidos como fundamentais para a construção de uma Educação contextualizada e significativa. Esses saberes incluem conhecimentos sobre o corpo, o movimento, a saúde e a relação com a natureza. Autores como Nego Bispo (2023) e Ailton Krenak (2022) corroboram essa discussão ao enfatizar a importância da ancestralidade e da cosmopercepção na formação da vida, o que, ao nosso ver, pode ser estendida à formação docente. A práxis pedagógica, portanto, deve ser uma prática reflexiva e crítica, que valorize a diversidade cultural e ambiental, promovendo uma educação emancipatória e ancestral.

De acordo com Freire (1997), a reflexão é o movimento realizado entre o fazer e o pensar, entre o pensar e o fazer, ou seja, no “pensar para o fazer” e no “pensar sobre o fazer”. Nesse sentido, a reflexão deriva da curiosidade sobre a prática docente, uma curiosidade inicialmente simples, que, modifica-se em exercício constante, transformando-se em crítica. Essa reflexão crítica constante deve constituir-se como ação prioritária para a formação contínua dos professores que buscam a transformação social por meio de sua prática educativa.

As narrativas de vida indicam que a identidade dos professores do Amazonas é fortemente marcada pela interação entre suas experiências pessoais, como formação familiar, inserção social, vivências culturais regionais e as práticas escolares. Professores mencionam a

influência de tradições locais, relações comunitárias e desafios da realidade amazônica, constituindo um *habitus* cultural específico que influencia sua forma de ensinar e relacionar-se com os alunos (Cavalcante, 2021). A dicotomia entre saberes acadêmicos e saberes locais emerge como um elemento central nas narrativas, revelando tensões para integrar conhecimento formal e prático na docência.

É possível apontar que todo indivíduo carrega uma história de vida que se constrói a partir de um conjunto de interações estabelecidas no meio familiar, social e cultural, o qual influenciam no seu processo de construção enquanto pessoa. Os valores, os costumes, as concepções, os comportamentos e as práticas, sejam elas sociais, pessoais ou profissionais, são referências do contexto e das relações que vivemos e estabelecemos.

Esta ideia corrobora com os pensamentos do Sociólogo Pierre Bourdieu (1989), que define esta construção de si através do *habitus* que se dá por meio das instâncias produtoras de valores e referências como a escola, a família e os campos. É a história incorporada, ou seja, inscrita no modo de pensar e também no corpo, nos gestos, nos modos de falar do agente. Assim, o *habitus* é fruto de experiências sociais passadas e estruturadas, ao mesmo tempo em que tem ação estruturante nas ações e representações do presente e permite a mediação entre a estrutura e as práticas adquirida no momento histórico em que o indivíduo vivencia.

Para melhor compreendermos o sentido desses conceitos, Bourdieu (1989) define *habitus* como disposições, estilos de vida, maneiras e gostos incorporados e campo como um espaço social que possui estrutura própria e, relativamente, autônoma em relação a outros espaços sociais, que tem uma lógica própria de funcionamento, estratificação e princípios que regulam as relações entre os agentes sociais. O agente incorpora um *habitus* nas relações que ocorrem na sociedade num determinado campo.

No contexto da profissão docente, o *habitus* faz parte do conjunto de elementos que estruturam a epistemologia da prática (Silva, 2005). Trata-se do modo de ser e de agir do docente que são produzidos por meio de influências advindas da cultura familiar, social e da formação profissional que subsiste na instituição na qual o agente desenvolve sua carreira docente. Desta forma, pode-se conceituar o *habitus* docente como um conjunto de valores, crenças concepções que orientam a prática educacional e que refletem as características comuns à educação profissional.

As histórias de vida constituem meios de conhecimento e reflexões das experiências do sujeito, dos aspectos históricos, sociais, econômicos e educacionais vivenciados pelos mesmos, e que têm grande significado ao seu processo formativo e a constituição da sua identidade. Nóvoa (1988) apresenta que as histórias de vida, as experiências, as vivências e os contextos

sociais, culturais e institucionais, em que o sujeito estava/está inserido, são fundamentais ao seu processo formativo.

3 RIOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva (Severino, 2007), que irá revelar as vivências e experiências de vida para a formação da identidade docente, por meio das memórias de referências, utilizando o método de abordagem (auto)biográfica como um dispositivo de pesquisa e formação (Josso, 2020; Dominicé, 1988). Esta abordagem permite compreender o fenômeno a ser estudado e refletir, por meio da análise da história de si, a formação da identidade docente (Bolívar; Domingos; Fernández, 2001).

Com o mesmo pensamento, a (auto)biografia docente, para Josso (2004), surge como “biografias educativas” que consistem em narrativas que produzem um conhecimento capaz de trazer a reflexão sobre a formação, a profissão e a prática docente. A autora ainda destaca que, através do recurso biográfico, se permite o exercício do “auto-formar-se” e, assim, possibilita, conseqüentemente, a revisão, pelo formador, das práticas escolares, levando-o a um questionamento diante de concepções e práticas ainda dominantes na formação inicial e continuada.

A produção de dados foi realizada a partir da composição de recortes das memórias de referências, do acervo pessoal da professora-pesquisadora (primeira autora) que é composto de anotações e imagens, além do levantamento bibliográfico. É realizado, assim, um exercício reflexivo das experiências de vida, com a utilização da técnica do “inventário de si” (Prado; Frauendorf; Chautz, 2018). Por isso, em vários momentos a narrativa toma a primeira pessoa na escrita.

Por meio dessa metodologia, aprofundo-me no movimento de rememorar e ressignificar minha prática pedagógica. Com o suporte teórico, dialogarei com obras relacionadas ao tema desta pesquisa. Isso me permitirá elaborar reflexões e interpretações sobre experiências significativas em minha trajetória como docente, resgatando, apresentando e refletindo sobre essas vivências em articulação com as bases epistemológicas, históricas e filosóficas que fundamentam os processos da práxis pedagógica. Esse processo contribui para alcançar os objetivos da pesquisa, ao criar um instrumento de análise e reflexão que possibilite a produção de um conhecimento significativo para a formação docente, considerando que, agora, a própria docente é o sujeito dessa reflexão.

4 NAVEGANDO NO ENCONTRO DAS ÁGUAS

As histórias de vida constituem meios de conhecimento e reflexões das experiências do sujeito, dos aspectos históricos, políticos e sociais.

“Vai um canoero, no murmúrio do rio
No silêncio da mata, vai, já vai canoero
Já vai canoero, nas curvas que o remo dá, já vai canoero
Já vai canoero, no remanso da travessia, já vai canoero
Enfrenta o banzeiro nas ondas dos rios
E das correntezas vai o desafio, já vai canoero”
Composição: Ronaldo Barbosa

No cotidiano amazônico, para o ribeirinho que reside nos pequenos municípios do interior e da floresta, o único meio de transporte são canoas que são transportes fluviais que sevem não somente para ir de um lugar ao outro, mas que também é utilizado para buscar alimento e abrigo as famílias. O transportador que a guia é chamado de canoero. É na metáfora desse navegar que me ponto a recordar.

Ao navegar pelo encontro das águas, chego à capital do estado do Amazonas no ano 2025. Em Manaus, começo uma nova jornada de trabalho em uma escola de Ensino Fundamental. Nessa escola encontrei muitos desafios quantos às outras que já passei pelo interior. Sou Professora de Educação Física, e entre as problemáticas que encontro na profissão é a escassez de material didático para as aulas, pois não temos bolas, cones, cordas o que torna nossa prática pedagógica desafiadora. Isso revela os entraves da concretização cotidiana das políticas públicas que asseguram acesso à educação de qualidade e podem gerar processos de abandono da docência, fato que foi observado na narrativa de outros professores no município de Manaus (Melo *et al.*, 2024).

No meu caso, houve algo que me ajudou a continuar investindo na minha docência frente a tais desafios. Com o conhecimento que adquiri ainda criança de fazer brinquedos com material da natureza, propus uma breve solução frente à falta de materiais didáticos para as aulas de Educação Física, confeccionando-os com insumos amazônicos encontrados diretamente na floresta. Na cidade, isso é algo desafiador visto que a natureza não está mais tão presente, já que o modelo urbanocêntrico busca tapar/cimentar qualquer vestígio de mata/floresta (Krenak, 2022). Por outro lado, realizar essa atividade nas áreas ribeirinhas é mais acessível visto que a matéria prima está no mesmo local onde moramos. Na capital, os insumos da natureza viram mercadoria a ser comercializada, ou seja, a matéria prima que antes me era compartilhado na natureza virou mercadoria, assim, não havendo sentimento de partilha. Nego

Bispo (2023) afirma que devemos ter uma relação com a natureza baseada no compartilhamento e na reciprocidade, contrastando fortemente contra a lógica do comércio e do acúmulo associado ao colonialismo. Questiona o autor: “Se a natureza te oferece de graça, por que vender? Isso é puro colonialismo” (Santos, 2023, p. 81). Assim, de acordo com Krenak (2022), devemos ver a natureza como um ente com o qual se convive e interage e não um recurso que se extrai e consome.

Desta problemática surge a ideia de formar um grupo de artesãos dentro da escola, para que eu pudesse ensinar a arte da tessitura para confeccionar os materiais que posteriormente seriam utilizados nas aulas de Educação Física, assim, possibilitando que todos pudessem ter acesso. Nesse sentido, criamos o projeto intitulado “tucumã ou bolinha” que tem por objetivo criar materiais pedagógicos por meio de insumos amazônicos. Inicialmente, apresentamos a aos professores da escola, em uma pequena reunião no mês de maio de 2025. Nesse momento, os professores mostraram-se entusiasmados para realizar as oficinas de confecção dos materiais. Assim, fizemos o levantamento da matéria prima que utilizaríamos para logo começarmos a produção.

Primeiro, os professores trouxeram materiais de casa, como madeiras, cola, tesouras etc. A gestão da escola providenciou um espaço e a compra de cipós, pois não tínhamos de fácil acesso. Durante três semanas, os professores confeccionaram os materiais pedagógicos para as aulas de Educação Física, utilizando madeiras e cipós. Esse trabalho foi feito com tessituras que podem ser encontrados em cestarias típicas da cultura indígena, sociedades ancestrais amazônicas. Contudo, devido ao tempo e os espaços sociais em transformações, essa prática vem sendo meramente esquecida e/ou apagada pelas gerações contemporâneas. Mas, ao ressignificar esse saber ancestral na oficina, é evidenciada a resistência que vai se encarnando nos materiais produzidos como é o caso do disco demarcatório indicado na Figura 1.

Figura 1- Disco demacartório

Fonte: Acervo da autora (2025).

Ao realizarmos a oficina, foi percebido o pouco domínio de alguns professores com as habilidades de tessituras, indicando esse afastamento de saberes ancestrais que, agora, estavam sendo revisitados. Para mim, em cada passo em que foram construídos os elementos, recordava de minha infância na zona rural, assim, evidenciando as minhas raízes culturais.

Bourdieu (1989) a partir do conceito *habitus* nos permite refletir sobre as diferenças entre professores que cresceram e atuam em áreas urbanas e rurais pela configuração distinta das disposições, valores, práticas e formas de conhecimento internalizadas a partir de seus contextos sociais e culturais específicos. Podemos perceber que o *habitus* cultural urbano reflete uma orientação mais próxima da cultura dominante e antropocêntrica, da modernidade e da sociedade capitalista. Nesse contexto há um acesso mais facilitado a recursos educacionais, tecnológicos e culturais materializados em produtos artificiais (Krenak, 2022) que acabam sendo mais valorizados pelas instituições formais. Essas diferenças impactam não só a formação e o capital cultural acumulado pelos professores, mas também suas práticas pedagógicas, expectativas e formas de interação com os alunos e com a natureza.

Recordo-me que, nas andanças pelas comunidades ribeirinhas, o ato artesanal de tessituras está presente desde a infância, quando as crianças aprendem junto com seus pais e outros adultos na comunidade a fabricar seus próprios utensílios, cestas, esteiras de palhas e até mesmo seus brinquedos. No quilombo, Santos (2023) comenta algo parecido quando diz que as crianças aprendem brincando do que fazem os mais velhos, num processo de compartilhamento e confluências de saberes. É nesse sentido, que observamos que os professores em contextos rurais podem apresentar um *habitus* que incorpora saberes ancestrais e modos tradicionais, muitas vezes em tensão ou interação com o campo escolar

institucionalizado. Já os professores em contextos urbanos podem reproduzir com maior facilidade as disposições do sistema educacional formal e seus valores culturais hegemônicos. Essa dinâmica, revela as desigualdades e desafios enfrentados na educação do Amazonas, ligadas à reprodução e marcha insana da sociedade antropocêntrica que, segundo Krenak (2022), está devorando a terra. E isso é construído numa base educacional em que se cria aversão à ancestralidade e à floresta como se fossem, respectivamente, coisas ultrapassadas e sujas.

As diferenças de *habitus* cultural entre professores, conforme explica Bourdieu (1989), possuem diversas implicações políticas para a formação. No campo da formação docente, diversas pesquisas destacam que a identidade do professor é construída por meio da interação entre o *habitus* prévio, as condições sociais e a trajetória vivida (Tardif, 2002; Duarte, 2004). Apesar dessa construção teórica, não podemos criar uma relação de causa efeito como se os professores urbanos fossem ruins e os rurais fossem bons. Nosso argumento, destacadamente enraizado na história de vida da primeira autora, alça a reflexão de que quando se constrói um *habitus* cuja ética está em compartilhamento com a natureza podemos alçar outras formas de ser, estar e agir no mundo. E isso pode (e deve) ser compartilhado nos contextos de formação de professores como é o caso da ação aqui comentada.

No momento em que criamos nosso ateliê artesanal para confeccionar os materiais, compartilhamos memórias, saberes e aprendemos juntos. Me recordo das falas de alguns professores, que diziam que seus pais faziam esse trabalho de tessituras para criar objetos para organizar roupas e até mesmo para auxiliar no transporte de alimentos. A importância do trabalho artesanal é uma forma viva de cultura, em que a memória, a identidade e o saber se entrelaçam, permitindo que tradições se perpetuem e gerações aprendam umas com as outras (Cordeiro, 2025). Os professores mais experientes demonstravam maior habilidade no trabalho manual, enquanto os mais jovens encontravam dificuldades. No entanto, o ato de confeccionar os materiais foi um momento singular para relembrar histórias e compartilhar saberes, fortalecendo os laços entre gerações. Isso nos põe, como destaca Santos (2023, p. 102) em processo circular de começo-meio-começo, em que “a geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo”.

5 DO ATELIÊ PARA AS AULAS

As aulas de Educação Física devem ser valorizadas tanto quanto as de qualquer outra disciplina. As práticas corporais aprendidas na Educação Física reverberam pela vida do

indivíduo em todas as fases da sua vida. São nessas aulas em que alunos e professores se encontram e compartilham experiências de vida em movimento por meio da cultura corporal (Soares *et al.*, 2016). A Educação Física é um componente curricular que trata do conhecimento da cultura corporal encarnadas em atividades como jogos e brincadeiras, esportes, ginásticas, danças, lutas ou outras, que constituirão seu conteúdo, visando apreender a expressão corporal como linguagem (Nascimento, 2018).

Nessa compreensão, a Educação Física apresenta como seu principal conceito a “cultura”, entendendo que todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução, expressando-se de formas diversas e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos (Daolio, 2004). Desta forma acreditamos que é a partir da cultura que os alunos se veem como protagonistas do mundo vida, aprendem suas histórias e se expressam por meio das suas práticas corporais. É na Educação Física que crianças e jovens tem a liberdade de conhecer a si e seu povo no ambiente que partilham juntos, desafios e limitações.

A cultura amazônica, marcada por povos indígenas, ribeirinhos e comunidades tradicionais, podem influenciar diretamente as práticas pedagógicas. A Educação Física, nesse contexto, ultrapassa o ensino tecnicista (ou seja, do gesto motor esvaziado de sentido e significado) para incluir as técnicas corporais encarnadas em jogos tradicionais, danças, brincadeiras e rituais que expressam a identidade cultural local. Na Amazônia o meio ambiente é um espaço de aprendizagem e vivência, onde o contato direto com a floresta, rios e animais promove uma educação integral. Krenak (2022) irá chamar esse princípio educativo como fricção com a natureza. Estudos recentes (Santos, 2022; Lima, 2024) apontam que os professores utilizam o ambiente natural como recurso pedagógico, estimulando o respeito ao ambiente.

Saindo do ateliê, os materiais confeccionados pelos professores caminham em direção as aulas de Educação Física. Isso proporciona aos alunos a possibilidade de vivenciar e experienciar o movimento utilizando os materiais produzidos, cujos sentidos abarcam significados ancestrais e culturais. Promover a inclusão desses materiais nas aulas de Educação Física propõe uma experiência rica que engloba a cultura amazônica e a preservação da tradição dos povos ancestrais, ao mesmo tempo que proporciona aos professores e alunos a compreensão da valorização da natureza e sua preservação. A Figura 2 representa o uso dos cones feito de cipó e madeira para demarcar a realização de uma atividade física.

Figura 2 – Aula de Educação Física no Ensino Fundamental.

Fonte: Acervo da autora (2025).

Na perspectiva bourdieusiana, essas experiências se enquadram na formação do *habitus*, que orienta as disposições e práticas docentes e discentes. O *habitus* cultural desses professores e alunos é singular, produzido pela vivência em contextos rurais e urbanos amazônicos, refletindo desigualdades e especificidades regionais que impactam na identidade profissional. O *habitus* cultural assim aparece como mediador entre o universo escolar e as experiências socioculturais prévias dos docentes, respondendo pela singularidade do processo de formação da identidade docente na Amazônia.

A prática pedagógica realizada envolveu a construção artesanal de materiais pedagógicos utilizando insumos típicos da região amazônica, como fibras naturais, cipó, sementes variadas e madeira de reflorestamento. Esses materiais foram cuidadosamente selecionados pelos professores, representando um importante vínculo entre a natureza e o ambiente escolar. Essa iniciativa congregou professores de diferentes gerações, desde docentes recém-formados até educadores com larga experiência na rede pública estadual de ensino. O encontro entre essas gerações fomentou uma valiosa troca de conhecimentos, em que práticas pedagógicas tradicionais se entrelaçaram com abordagens contemporâneas, enriquecendo o processo coletivo de construção dos materiais. A colaboração intergeracional reforçou a reflexão crítica sobre a utilização de recursos locais, fortalecendo a identidade cultural da comunidade escolar.

Os materiais produzidos foram introduzidos nas aulas de Educação Física, propiciando aos alunos atividades que incorporaram elementos da biodiversidade amazônica, como disco demarcatório feito de cipó tecido e jogos de fabricados com sementes e madeira. Essa

abordagem contribuiu para ampliar a consciência ambiental dos estudantes, ao mesmo tempo em que promoveu uma aprendizagem mais concreta e significativa. A ação gerou reflexões sobre a importância de integrar insumos regionais no planejamento pedagógico, destacando os benefícios de uma educação contextualizada que valoriza a cultura local e fortalece os vínculos entre escola, natureza e sociedade.

Essa experiência evidenciou que a construção artesanal de materiais com insumos amazônicos, aliada à troca de saberes ancestrais entre professores, representa uma estratégia eficaz para tornar o ensino mais inclusivo e culturalmente relevante, promovendo assim uma práxis pedagógica inovadora e comprometida com o contexto regional. Assim, a identidade docente da professora cuja história de vida vai se descortinando nesta narrativa (auto) biográfica, vai ganhando significados frente aos desafios da falta de materiais, como um ato de resistência e de inovação pedagógica (Melo *et al.*, 2024). Isso, contudo, não significa em romantizarmos a ausência concreta da execução das políticas públicas, visto que os professores não são “recicladores de sucata” para ter um mínimo de materiais para desenvolver suas aulas. O processo descrito aqui vai além de uma ação para “tampar o sol com a peneira”, para evidenciar as respostas que a própria natureza nos dá frente a uma organização da vida em torno do capital privatizado.

Logo, a presente pesquisa apresenta um recorte que fornece apontamentos sobre os entrelaçamentos entre Educação Física e cultura por meio da (auto)biografia com objetivo de abordar e apontar possibilidades e potencialidades da cultura amazônica nas aulas.

5 A FOZ DO RIO COMO REINÍCIO DO CICLO

A experiência do ateliê artesanal revelou-se um espaço valioso de resgate e valorização dos saberes ancestrais e das práticas culturais presentes na formação docente na Amazônia. A atividade de confecção manual, além de suprir a carência de materiais didáticos, promoveu um processo coletivo de aprendizado, que integrou memórias pessoais, identidades culturais e práticas pedagógicas com os saberes ancestrais.

A partir dessa vivência, evidenciou-se a importância de incorporar as experiências de vida e os saberes ancestrais na formação dos professores, contribuindo para a construção de identidades docentes mais autênticas, contextualizadas e culturalmente significativas. O desafio das diferenças geracionais nas habilidades manuais também abre espaço para reflexões acerca do papel da transmissão de saberes ancestrais e da valorização das tradições no ambiente escolar. Assim, a (auto)biografia e o trabalho artesanal emergem como estratégias poderosas

para conectar teoria e prática, fortalecer a cultura regional e promover uma educação crítica e transformadora na Amazônia.

É possível destacar que a formação da identidade docente de professores de Educação Física no Amazonas ganhará com a mediação entre as experiências pessoais e práticas profissionais vinculadas aos saberes que advém da floresta. A valorização das narrativas de vida permite reconhecer a diversidade cultural como elemento fundamental para a formação e atuação docente, apontando para a necessidade de políticas formativas que integrem saberes ancestrais e promovam o reconhecimento da pluralidade cultural na Educação Física escolar. Isso significa, neste estudo, que a construção de materiais didáticos com insumos da floresta não significa a romantização da precarização do trabalho docente. Pelo contrário, a sua encarnação revela as atrocidades postas por um projeto social antropocêntrico e a resistência dos saberes ancestrais por outras formas de ser, estar e agir no mundo. Um mundo, cujos pluriversos sejam celebrados cotidianamente.

REFERÊNCIAS

- BOLÍVAR, Antonio; DOMINGOS, Jesús, y FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en educación**. Enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 1996.
- BOZZETO, A. **A abordagem biográfica na pesquisa docente**. São Paulo: Loyola, 2000.
- CAVALCANTE FILHO, J. C. Contribuições da História Oral na Amazônia: Vozes de professores em histórias de vida e narrativas na educação básica manauara. **Anais do II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia**, 2021.
- CORDEIRO, Hilda Lara Sousa. **Saberes que permanecem: tradição, memória e aprendizagens femininas no artesanato de Palmácia**. 2025.
- DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação** Lisboa: Ministério da Saúde, Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p.131-153.
- DUARTE, D. **Formação e identidade de professores: uma leitura à luz de Pierre Bourdieu**. Educação e Pesquisa, v. 30, n. 3, p. 373-385, 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. Companhia das Letras, 2022.
- MELO, Phellipe Froes *et al.* Formação continuada de professores de Educação Física em Manaus/AM: problematizando a relação entre inovação e desinvestimento da docência. **Proposições**, v. 35, p. e2024c0902BR, 2024
- PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 02, p. 147-156, 2011.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo.; FRAUENDORF, Renata Barroso Siqueira; CHAUTZ, Grace Carolina Chaves Buldrin. Inventário de pesquisa: uma possibilidade de organização de dados da investigação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 08, p. 532-547, maio/ago. 2018.
- SANTOS, Antônio Bispo dos; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Formação docente: conhecimento científico e saberes dos professores. **Ariús, Campina Grande**, v. 13, n. 2, p. 121-132, 2007.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.